
“O mar entrou por ele dentro e coube” – Camões, o ser glocal

‘The sea came in and fit’ – Camões, the glocal being

Isabel Ponce de Leão

Universidade Fernando Pessoa, Porto

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1382>

RESUMO

O quingentésimo aniversário do nascimento de Camões convoca uma série de reflexões que concitam outros saberes, um pouco na senda do espírito renascentista que configura reações extrínsecas e intrínsecas do ser humano, não ignorando, contudo, fenómenos políticos, sociais, culturais, históricos... locais e globais havidos na sua génese. Grande motor do entrecruzamento entre a literatura, as artes, as ciências, e a história que, com ele e por ele, continuam a estabelecer um diálogo profícuo, o autor de *Filodemo* atravessa os tempos e desmistifica-se pela força da sua obra. O mito camoniano é a realidade, ela própria alimento de projetos, mais ou menos lendários, sustentados por todos os que experimentam o prestígio de Camões, dentro da tese de que tudo paga alguma espécie de tributo ao Poeta que, mesmo se não nomeado, é sempre convocado pela celebração dos feitos portugueses e pela qualidade e atualidade da sua produção. A realidade que foi a vida e que é a obra de Camões institui-se matéria que engrossou o caudal de teorizações, dentro e fora do mundo lusófono. O referido caudal, catapultando-o para a contemporaneidade, é por demais sugestivo da sua atualidade, evidenciando a forma como o Poeta corporiza determinados conceitos, só formulados nos séculos XX e XXI, como o são a globalização, a glocalização ou mesmo a preocupação

ecológica. Assim, uma heterodoxa estética de sedução obvia e legitima as relações entre o grande público e a obra camoniana, alimentando o fogo sagrado de Vesta que o panteão de Atena reivindica.

PALAVRAS-CHAVE: Camões; Global; Local; Glocal; Atual.

ABSTRACT

The fiftieth anniversary of Camões' birth calls for a series of reflections that encourage other types of knowledge, somewhat in line with the Renaissance spirit that configures them as extrinsic and intrinsic reactions of the human being, while not ignoring the political, social, cultural, historical... local and global phenomena that took place at its genesis. A great driving force behind the intertwining of literature, the arts, the sciences and history, which continue to establish a fruitful dialogue with him and through him, the author of *Filodemo* spans the ages and demystifies himself through the power of his work. The Camões myth is reality, itself the food for projects, more or less legendary, supported by all those who experience the prestige of Camões, within the thesis that everything pays some kind of tribute to the Poet who, even if not named, is always summoned by the celebration of Portuguese achievements and the quality and topicality of his production. The reality of Camões' life and work has become a subject that has swelled the flow of theorising, both inside and outside the Portuguese-speaking world. The aforementioned flow, catapulting it into contemporary times, is highly suggestive of its relevance, highlighting the way in which the poet embodies certain concepts that were only formulated in the 20th and 21st centuries, such as globalisation, glocalisation or even ecological concern. Thus, a heterodox aesthetic of seduction obviates and legitimises the relationship between the general public and Camões' work, fuelling the sacred fire of Vesta that the pantheon of Athena claims.

KEYWORDS: Camões; Global; Local; Glocal; Actual.

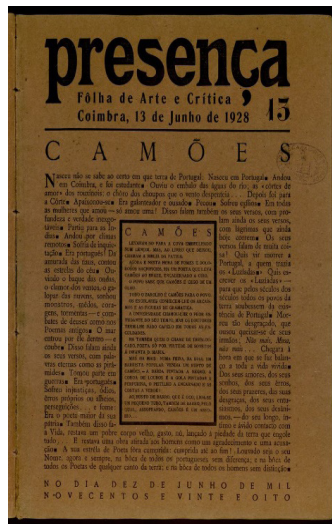
Figura 1 – Francisco Simões, pastel sobre papel.



Fonte: Simões (2025).

No dia 13 de junho de 1928, há menos de 100 anos, José Régio¹ delineava, na capa do nº 13 da revista coimbrã *presença* (Fig. 2), um dos muitos retratos imprecisos mas impressionantes de Camões:

Figura 2 – Capa do n. 13 da revista *presença*.



Fonte: Presença [...] (1928).

¹ Os textos sem assinatura publicados na revista *presença* são da autoria de José Régio, seu diretor e mentor.

Nasceu em Portugal, naturalmente, que importa onde? Sabe-se, sim, que “Partiu para as Índias. Andou por climas remotos. [...] Tomou parte em guerras” (Régio, 1993, p. 13). Sabe-se ainda do “seu longo, íntimo e ávido contacto com a Vida”, e que o seu nome ficou “na boca de todos os Poetas de qualquer canto da terra; e na boca de todos os homens sem distinção” pois que “o mar entrou por ele dentro – e coube” (Régio, 1993, p. 13). Assim, como não o pensar um ser Global, Local, Glocal e Atual mesmo que tenha vivido na era Proto-Global?

Retrocedendo aos valores do Renascimento e ao “saber de experiência feito” (Camões, 1980d, p. 147), há que estimar o papel da cultura portuguesa emoldurado pelos, sobejamente conhecidos, factos históricos. No campo artístico, destacam-se na pintura Nuno Gonçalves (1450-1491), o dos *Painéis de S. Vicente*, e Vasco Fernandes (1475-1542), o Grão Vasco (1475-1542); na arquitetura, Nicolau Chanterene (1470-1551), Diogo Boitaca (1460-1528) e João Castilho (1470-1522), os do manuelino, bem como Francisco de Arruda (?- 1547), o da Torre de Belém, e o grande teorizador Francisco de Holanda (1517-1585); na ourivesaria é incontornável a *Custódia de Belém* cuja autoria, ainda que discutível, se atribui a Gil Vicente (1465-1536); a música internacionalizou nomes como os de Mateus de Aranda (1495-1548), Pedro Escobar (1465-1535) ou Manuel Mendes (1547-1605), entre outros. Nas ciências são inabdicáveis Pedro Nunes (1502-1578), matemático e cosmógrafo; Abraão Zacuto (1450-1552), autor das “Tábuas Astronómicas”; Duarte Pacheco Pereira (1460-1533), primeiro mentor do “Tratado de Tordesilhas”; os médicos Garcia da Orta (1501-1568) e Amato Lusitano (1511-1568), ou D. João de Castro (1500-1548), naturalista, político e cartógrafo. Bernardim Ribeiro (1488-1552), Sá de Miranda (1481-1558), Garcia de Resende (1470-1536), Gil Vicente (1465-1536), Fernão Mendes Pinto (1510-1583), Fernão de Oliveira (1507-1581), João de Barros (1469-1570), Diogo do Couto (1542-1616) ou Damião de Góis

(1502-1574) são nomes incontestáveis nos domínios linguístico, literário e histórico.

Todos e muitos outros enformam a primeira globalização, designada por Arnold Toynbee “era gâmica”, que gerou um caleidoscópio de saberes, crenças e miscigenação de povos, abrindo novos horizontes à língua e cultura portuguesa nos vários continentes.

Contudo, no âmbito das letras, Camões é o primeiro grande escritor do ocidente que, passando o Equador, demandou e viveu no hemisfério sul aí contatando com diferentes gentes e culturas sem esquecer o preciso estádio da civilização europeia. Tal experiência tem sérios reflexos nas suas obras épica, lírica, dramática e epistolográfica, fomentando um profundo amplexo intercultural, em jeito de hibridização, gerador de uma interdependência plural entre as diferentes culturas sem que, com isso, estas percam a sua idiosincrática hegemonia. Partindo de bases epistemológicas, mas não descurando as empíricas, também em razão do desconhecimento real e provado de alguns contextos, penso a conjugação de forças centrífugas e centrípetas que fizeram com que o mar também nelas coubesse, tornando o seu autor, cujo quingentésimo aniversário de nascimento se evoca, uma das vozes pioneiras da globalização.

GLOBAL

Pensar a globalização é admitir a integração de várias zonas do globo devido, fundamentalmente, à evolução dos transportes e das comunicações à escala mundial. Há, pois, um estreitamento de ligações económicas, políticas, culturais e sociais interglobal, que não homogéneo, desenvolvido em quatro fases. Interessa-me a primeira, a proto-global, entre os séculos XV e XVII, em que as grandes potências mundiais se lançaram na exploração de rotas marítimas e comerciais viabilizando relações de permuta assaz produtivas entre os vários países. E se vivemos, de facto, uma era global, ela decorre do

desenvolvimento progressivo de mobilidade e de trocas, lento modificador de culturas, mentalidades, mundividências e socialização operado através de produtos tangíveis e/ou intangíveis, acumuladores do capital, que viriam a facilitar a Primeira Revolução Industrial. Importa, pois, pensar os construtores materiais e intelectuais que a gizaram, sendo como fundador e construtor sobretudo intelectual, ainda que também material (viagens), que Camões se presentifica, reclamando um olhar crítico para a sua vivência e, sobretudo, para a obra daí decorrente, numa sintonia perfeita entre textos e contextos. Através do vate quinhentista se observa:

– a difusão e disseminação de práticas sociais e culturais em certos passos do reconto do desembarque e estada na Ilha de Moçambique:

Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxárcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso
E a linguagem tão bárbara e enleada.
Também o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o traje e a forte armada;
E, perguntando tudo, lhe dizia
Se porventura vinham de Turquia.
(Camões, 1980d, p. 27),

ou as alusões ao vestuário, aos hábitos e costumes – “Gerais são as mulheres, mas somente / Para a geração de seus maridos” (Camões, 1980d, p. 227) – veiculados aquando da chegada à Baía de S. Brás (Camões, 1980d, p. 172), ou no encontro com o mouro Monçaide em Calecut (Camões, 1980d);

– as trocas comerciais² ao longo dos cantos VII e VIII quando no final da viagem à Índia se lê:

E se queres, com pactos e lianças
De paz e de amizade, sacra e nua,
Comércio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Por que creçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente.
(Camões, 1980d, p. 233);

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendível que trazia, para terra,
Para que, devagar, se troque e venda;
Que, quem não quer comércio, busca guerra
(Camões, 1980d, p. 272);

² “Camões estava ciente de que no século XVI, o comércio com os povos orientais, através de novas rotas, se apresenta como uma nova possibilidade de vida e, como tal, é uma atividade que implica um conflito com interesses ligados a formas anteriores de existência. [...] A concepção histórica da viagem de Vasco da Gama é de que a história não se faz pela vontade individual, mas é resultado de lutas entre classes e interesses distintos. Ele trata dessa luta pela expansão do comércio como uma luta entre interesses distintos. Realmente ele não descreve trocas, não coloca no centro da epopeia os comerciantes individuais, mas de uma perspectiva mais globalizante, representa essa luta por um acontecimento nacional, sem deixar, todavia, de abordar as diversas divergências internas” (Iannone; Gobbi; Junqueira, 1998, p. 262).

– a produção de riqueza:

Já se viam chegados junto à terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes índicas se encerra
E o Ganges, que no Céu terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora:
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante!
(Camões, 1980d, p. 217);

– a evolução científica ao longo de todo o Canto V onde se lê o desafio: “Vejam agora os sábios na Escritura / Que segredos são estes de Natura.” (Camões, 1980d, p. 160), sempre numa perspectiva global;

– a observação de certas assimetrias geradas na pressão sobre os recursos naturais: “Passámos a grande Ilha da Madeira, / Que do muito arvoredo assim se chama;” (Camões, 1980d, p. 156);

– o possível impacto ambiental gerado por excessivas importações:

E se buscando vás mercadoria
Que produz o aurífero Levante,
Canela, cravo, ardente especiaria
Ou droga salutífera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levarás todo tão sobejo
Com que faças o fim a teu desejo.
(Camões, 1980d, p. 44);

– o agravamento das desigualdades sociais:

Por meio destes horrídeos perigos,
 Destes trabalhos graves e temores,
 Alcançam os que são de fama amigos
 As honras imortais e graus maiores:
 Não encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores;
 Não nos leitos dourados, entre os finos
 Animais de Moscóvia zebelinos;
 (Camões, 1980d, p. 212);

- e, muito particularmente, a componente literária e cultural, na senda do *Homo Universalis* do Renascimento, que faz da literatura um fenómeno translinguístico onde “engenho e arte” (Camões, 1980d, p. 9) discursivos formatam o polissistema semiótico que notifica ambivalências globalitárias. Assim, os registos linguísticos modalizam-se de acordo com o interlocutor seja ele a saudosa Dinamene (Camões, 1980b, p. 238), a perigosa Bárbara (Camões, 1980b, p. 95), a simples Lianor (Camões, 1980b, p. 122 e 124), os cafres e os etíopes (Camões, 1980d, p. 224), os islâmicos (Camões, 1980d, p. 29) ou os deleitáveis melindanos no já referido discurso do Monçaide. Não menos é de relevar o facto de proliferarem implícita ou explicitamente na obra camoniana vozes do passado como as de Homero ou Virgílio, ou de ela própria ter inspirado outras mais próximas, algumas suas contemporâneas e coetâneas como as de Ariosto Lope de Vega, Quevedo, Cervantes ou Petrarca ou, posteriormente, as de Corneille, Racine e Molière sobretudo nos Autos. Aglutinando elementos da tradição medieval peninsular com ecos renascentistas, “através de tributos intertextuais e da ambivalente paródia, de paráfrases e de reenvios conotantes, de representações iconográficas e representações ecfrásticas, de reacções críticas e digressões interdiscursivas” (Pereira, 2024, p. 190), a obra camoniana influenciou gerações literárias que vão de Fernão Mendes Pinto a Bocage, de Garrett a Cesário Verde, de Jorge de

Sena a Vasco Graça Moura, de Nuno Júdice a Pepetela, de Nélida Piñon a José Luís Tavares ou de Mário Cláudio a Carlos Nejar, ficando só pela lusofonia.

LOCAL

Contudo, pensar Camões enquanto construtor do global não invalida virar costas ao local, perspectivado por Doreen Massey (1994), enquanto algo dinâmico, em constante transformação, também pelas interconexões globais. De facto, o local tem múltiplas identidades e é um processo em construção sem definição de linhas intrínsecas ou extrínsecas. Por tal, abrange não só uma geografia, como a sua modulação pelas relações sociais e práticas quotidianas e pelos factos históricos, políticos, económicos e culturais. Nele, segundo Tim Cresswell (2004), as interações sociais são mais diretas e pessoais, refletindo a cultura e as tradições locais, sem deixarem de ser um microcosmo das realidades globais onde as idiossincrasias podem sofrer influências.

No texto a que acima aludi, de José Régio, lê-se: “Nasceu em Portugal (...). Era português. (...) Era Português. (...) Quis vir morrer a Portugal” (Régio, 1993, p. 13). E era-o com convicção. Basta lembrar o discurso de Gama ao Rei de Melinde falando-lhe da terra pátria:

Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra de acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano.

(Camões, 1980d, p. 84).

E continua orgulhosamente: “Esta é a ditosa pátria minha amada” (Camões, 1980d, p. 84). Logo no início desta preleção, Gama caracteriza o povo que habita esta terra, dizendo:

Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
 De minha gente a grão genealogia;
 Não me mandas contar estranha história,
 Mas mandas-me louvar dos meus a memória
 (Camões, 1980d, p. 79).

Há, pois, uma caracterização dos portugueses que, mencionando qualidades – nobreza de caráter, bravura e probidade –, não oculta magnos defeitos – suborno, corrupção e inveja, palavra com que terminam *Os Lusíadas*, sem que, por tal, seja descurado um arreigado sentimento de portugalidade ancorado numa dilatada mundivisão. Paradigma desse portugalidade é a figura de Nun’ Álvares Pereira, não só no tom perplexo do seu discurso que antecede o episódio da Batalha de Aljubarrota, face a hesitações e traições – “Da gente ilustre portuguesa / Há-de haver [...] / Quem negue a Fé, o amor, o esforço e arte / de Português [...]?” e, mais à frente: “defenderei da força dura e infesta / A terra nunca de outrem subjugada” (Camões, 1980d, p. 126-127) –, como também na valorização dos vínculos pátrios em detrimento dos laços de sangue – “Que menos é querer matar irmão / Quem contra o Rei e a Pátria se alevanta” (Camões, 1980d, p. 131). O Santo Condestável configura todos os “que por obras valerosas / Se vão da lei da Morte libertando” (Camões 1980d, p. 9), demonstrando que ser português não é limitado pela circunstância do nascimento, outrossim um património místico gerado numa ancestralidade histórica que diz ação, imaterialidade, génio e sangue, tudo radicado na memória, também salvaguardada pelo canto do poeta

que ressuscita
 As honras sepultadas,
 As palmas já passadas
 Dos belicosos nossos Lusitanos
 (Camões, 1980c, p. 121).

Mas para além da celebração da história, da língua e da identidade de um povo, há nesta portugalidade um amor intrínseco à natureza –

Tão suave, tão fresca e tão formosa,
Nunca no céu saiu
A aurora no princípio do Verão,
Às flores dando a graça costumada
(Camões, 1980c, p. 99)

– por vezes, em cumplicidades petrarquistas, metagoge de estados de espírito de almas desiludidas – “A formusura desta fresca serra / [...] / Me está, se não te vejo, magoando.” (Camões, 1980b, p. 252) –, outras em acasos felizes mas efémeros – “Aos montes ensinando e às ervinhas / O nome que no peito escrito tinhas” (Camões 1980d, p. 112) –, outras ainda enquanto *topus* de incertas vivências.

Assim se pode falar em topofilia, conceito desenvolvido pelo geógrafo Yi-Fu Tuan (1980), que refere a afetividade e os vínculos emocionais entre o ser e o lugar. Na obra do insigne quinhentista, essa relação com o espaço geográfico e cultural é profundamente explorada, e reflete não só um sentido de pertença, como a demanda do significado identitário. Verifica-se uma intensa conexão com os lugares através de descrições vívidas de paisagens que habitam a memória coletiva do povo português. Essa relação com o espaço é permeada por sentimentos de nostalgia, reverência e até mesmo de saudade, refletindo a topofilia na sua forma mais depurada. A sua ligação ao torrão pátrio é especialmente significativa na exaltação da beleza de paisagens como rios, montanhas e o próprio mar, tornando, as mais das vezes, símbolos de aventura, exploração e evangelização, tudo numa linguagem rica e imagética, que destaca a importância dos locais na formação da identidade nacional. Os elementos geográficos não são apenas cenários, mas protagonistas da narrativa

histórica e cultural, por isso transcendem a mera descrição geográfica metamorfoseando-se em meditação poética sobre o espaço, a identidade e a memória coletiva. Há, pois, o convite à reflexão sobre a forma como os lugares moldam as nossas vivências assim se reafirmando a relevância de manutenção dos laços afetivos com o local. De facto, o vínculo aos *locis* é uma parte intrínseca da condição humana, e reflete a busca incessante da pertença a um mundo em mutação. Não admira que a competição pela naturalidade do Poeta, que soube amar o local, se mantenha viva ao longo dos séculos. Nigrán, na Galiza, aponta-se como espaço genesíaco da sua família; Coimbra lembra questões de parentalidade e vivências de juventude na cidade, não sendo improvável que aí tenha nascido; Alenquer faz a sua reivindicação assentar no soneto CXC onde se lê: “Criou-me Portugal na verde e cara / Pátria minha Alenquer;” (Camões, 1980b, p. 270); o Porto, tendenciosamente, refere a *Carta I* em que Camões afirma: “já não me livrará privilégio de cidadão do Porto” (Camões, 1980a, p. 241); Lisboa assume-o como seu sem precisar de argumentos. Outros, muitos outros locais se reivindicam, pelo menos, como ponto de passagem do Poeta – Vilar de Nantes (Chaves), Constância, Santarém.... –, prova cabal da topofilia, observável na sua obra, em que os valores cívicos e culturais reiteram a robustez de uma identidade coletiva reforçadora de projetos autonómicos.

GLOCAL

Decorre, do acima referido, considerar Camões um ser glocal, termo que surge da combinação das palavras “global” e “local”, refletindo a interconexão entre as dinâmicas globais e as realidades locais. Roland Robertson (1992), um dos primeiros sociólogos a utilizar o termo globalização, argumentou que, longe de eliminar identidades locais, cria sinergias construtoras de novas formas de expressão cultural moldadas pelas influências globais e locais. Tal abordagem reconhece que, num mundo cada vez mais globalizado, as práticas e as identidades locais

não desaparecem, antes se transformam e se adaptam enquanto respondem às influências globais. Não há dúvida que se trata de um tema complexo porque alia a *empíria* à *episteme* enquanto coadjuvantes conectadas e permissivas do fazer mais básico ao de maior complexidade sociotecnológica nas esferas económica, cultural, política e ambiental.

Os estudos globais têm dado forte contribuição a esta abolição de fronteiras com o local demandando a harmonia e a reciprocidade de fecundação e valorização manifestos no conceito atrás referido, na senda do que afirma Edgar Morin (2023, p. 59): “a realidade global não intervém apenas nos territórios, na economia, na sociologia das nações, mas em cada um de nós individualmente. Por outras palavras, o mundo como mundo está presente em mim em todos os momentos da minha existência”. De facto, a glocalização configura-se solução às pressões globalizantes, viabilizando a incorporação do local no global de forma ímpar e contextualizada.

Na obra de Camões, são recorrentes os exemplos que ilustram as interações comerciais e as relações económicas entre os portugueses e as diversas culturas. No caso da Índia, destaca-se o comércio de especiarias, seda e outros produtos valiosos muitas vezes motivadores das expedições marítimas; já os muçulmanos exerceram como importantes intermediários no comércio entre Oriente e a Europa; enquanto os chineses viabilizaram a importação de produtos como a porcelana e a seda. Há, de resto, referência a reinos africanos e asiáticos como o Reino do Congo (Camões, 1980d, p. 158) e o Império de Mughal (Camões, 1980d, p. 225) possuidores de grande diversidade de produtos e riquezas alvo de trocas comerciais.

Mas a ênfase do impacto do comércio e da economia estende-se à expansão cultural e disseminação da língua nas terras e nos povos com quem os portugueses interagiam. Culturalmente, a glocalidade manifesta-se na forma como as culturas locais assimilam e reinterpretam influências externas. A música, a moda, as religiões e a gastro-

nomia são áreas onde essa troca é evidente. O poema épico *Os Lusíadas* é a primeira obra da literatura europeia a olhar para o Oriente e a sugerir uma nova versão do *Outro* também claramente assinalado nas célebres “Endechas a Bárbara Escrava” (Camões, 1980b, p. 95), enquanto declaração de amor por uma mulher negra que ofusca o estereótipo petrarquista. O episódio da chegada à Índia, a descrição geográfica, a elencagem dos reinos circundantes, das religiões, da sociedade, da arquitetura, do *modus vivendi* é a prova mais evidente da promoção da interculturalidade. Mantendo as culturas locais a sua identidade e singularidade, a convivência e troca de saberes entre os diferentes grupos, não só valoriza as especificidades culturais, como também fomenta a solidariedade e o respeito mútuo, promovendo a inclusão e a diversidade, e, assim, erigindo comunidades mais coesas e resilientes. A glocalidade torna-se, assim, em espaço de aprendizagens e transformações, onde a diversidade cultural é celebrada e integrada nas práticas quotidianas, fazendo reconhecer que soluções locais podem ter um impacto significativo no cenário global, tal como se denota nos contactos que os portugueses vão tendo com outros povos ao longo da viagem narrada em *Os Lusíadas*, bem como nas relações interpessoais de que a lírica dá conta.

Politicamente, a glocalidade desafia o sistema tradicional de governação em que decisões são tomadas em níveis centralizados. A consciência local sobre questões globais, como as desigualdades sociais, tem levado a um ativismo mais consistente e a soluções que consideram tanto as necessidades locais quanto os impactos globais. Ora Camões, e considerando a época que lhe coube viver, sendo sempre fiel a um poder mais centralizado, mostrou estar atento às especificidades da “grande máquina do Mundo” (Camões, 1980d, p. 328), a “Malaca por empório enobrecido, / Onde toda a província do Mar Grande / Suas mercadorias ricas mande.” (Camões 1980d, p. 340) ou ao “Japão, onde

nasce a prata fina, / Que ilustrada será co’ a lei divina” (Camões 1980d, p. 342), mas sempre em conexão com o torrão natal.

Se o Poeta é, naturalmente, alheio a conceitos como glocalidade e sustentabilidade, apenas discutidos no século XX, não o é a uma certa dinâmica pragmática que o fez, indiretamente embora, considerar problemas como a preservação da natureza –

Assi, depois, a descorada rosa,
Se reverdece, fica mais formosa;
Assi, depois do Inverno e seus rigores,
Se mostra a Primavera com mais flores.

(Camões, 1980c, p. 18)

ou “Mude-se, por meu dano, a Natureza” (Camões, 1980c, p. 112) – que exige soluções atinentes às especificidades locais, promovendo práticas que não atendam apenas a requisitos globais, mas que também respeitem e valorizem os ecossistemas e as comunidades locais, mesmo se, alegoricamente, conectassem com o mundo interior.

Cenário de emoções e metáfora de sentimentos, a natureza camonianiana erige-se protagonista de uma poética ambiental, numa celebração mística e mítica que posterga a severidade antropomórfica da tradição judaico-cristã temente do panteísmo de Spinoza, assim sugerida pelo poeta: “[...] Se eu não te celebrar como mereces, / Cantando-te, se quer farei contigo / Doce nos casos tristes a memória.” (Camões, 1980d, p. 247), quando a contempla:

O murmurar das ondas excelente
Os pássaros excita, que, cantando,
Fazem o monte verde mais contente.
Tão claras vão as águas caminhando
Que, no fundo, as pedrinhas delicadas
Se podem, ua a ua, estar contando.

(Camões, 1980c, p. 76).

Este e muitos outros exemplos permitem provar que, se na obra camoniana não estão explícitas preocupações ecológicas inerentes à época atual, há um sistemático diálogo com os elementos valorizadores do ambiente que se pretende preservar. A referência a múltiplas flores, árvores e frutos – cerca de cinquenta espécimes em *Os Lusíadas*, maioritariamente asiáticas e à volta de trinta e cinco europeias –, com relevância para as das margens do Mondego, que, sobretudo campesinas e decorativas com as respetivas flores, compõem também na lírica; é esta natureza que também, claramente, indicia a vivência do poeta no Ocidente e no Oriente, começando pelo início da sua formação em Coimbra até às longas viagens ao “novo reino” (Camões 1980d, p. 9), numa prova acabada da crença na sua notória ancestralidade, com subidos poderes medicinais, decorativos e alimentares relativamente aos animais e aos humanos, e que assim o serviam; destarte, dá voz a uma natureza silenciada e imerge-a num processo colaborativo, quase panteísta, com o ser humano numa reciprocidade de atenções e afetos:

Oh! grande e sumo bem da Natureza!
 Estranha subtileza de pintora,
 Que matiza, nua hora, de milcores
 O céu, a terra, as flores, monte e prado!
 (Camões, 1980c, p. 13),

ou

Lei é da Natureza
 Mudar-se desta sorte o tempo leve:
 Suceder à beleza
 Da Primavera, o fruto; à calma, a neve;
 E tornar outra vez, por certo fio,
 Outono, Inverno, Primavera, Estio.
 (Camões, 1980c, p. 110),

ou “Vejo o puro, suave e brando Tejo / Com côncavas barcas que, nadando, / Vão pondo em doce efeito o seu desejo;” (Camões, 1980c, p. 172), ou ainda “Das aves o lascivo movimento, / Que, em seus módulos versos ocupadas, / As asas dão ao doce pensamento;” (Camões, 1980c, p. 58).

O homem e o meio, imbricados e uníssonos, da superfície às entranhas, não podem deixar turvar “as águas deste rio”³, o planeta por metonímia.

Camões releva ainda que o glocal representa uma abordagem dinâmica e multifacetada, onde o local e o global não são vistos como opostos, mas como partes interdependentes de um mesmo sistema. Justamente, a toponímia presentifica-se na obra do vate quinhentista em referências aos povos, culturas e terras encontradas, em íntima conexão com os valores portugueses. Esta visão mais ampla revela uma sensibilidade para as complexidades da colonização e um respeito pelas terras que foram exploradas, num gesto de glocalização que faz estalar a epistemologia eurocêntrica, levando a considerar aquilo a que o sociólogo Aníbal Quijano (2007) denominou decolonialidade, seja uma libertação epistémica, política e cultural do padrão europeu, bem como a aceitação das diferenças, reconhecendo que a ideia matricial do colonialismo gerou falsos paradigmas e traiu o conceito de modernidade.

Trata-se, na obra camoniana, de uma essencial visão prospectiva auxiliar dos desafios contemporâneos, promotora de um desenvolvimento mais inclusivo, sustentável e culturalmente rico. Ao abraçar o glocal no século XVI, Camões amparou a construção de um futuro valorizador tanto da diversidade local quanto da solidariedade glo-

³ Expressão de um soneto cuja a atribuição da autoria a Camões não é consensual. Citada de memória.

bal, teoricamente demonstrados, já no século XXI, pelo antropólogo Arjun Appadurai (2004) ou pelo sociólogo Manuel Castells (2009) nas suas conceptualizações de homem universal.

ATUAL

Pensar a atualidade de Camões é relacioná-lo com a temporalidade verificando, com Heidegger (2009), que o “atual” se relaciona com o “ser-no-mundo”, em que a presença e a experiência imediata são fundamentais – “Vi, claramente visto, o lume vivo / [...] / Ver as nuvens, do mar com largo cano, / Sorver as altas águas do Oceano” (Camões 1980d, p. 159); é admitir a modernidade líquida do sociólogo Zygmunt Bauman (2005) e perceber como o “atual” está em constante e fluida mudança –

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
(Camões, 1980b, p. 209);

ou

Porque enfim, tudo passa;
Não sabe o Tempo ter firmeza em nada;
E a nossa vida escassa
Foge tão apressada,
Que quando se começa é acabada.
(Camões, 1980c, p. 130);

É aceitar com Marshall McLuhan e Quentin Fiore (1967) que o meio é a mensagem –

Vinde cá, meu tão certo secretário
Dos queixumes que sempre ando fazendo,
Papel, com quem a pena desafoço!
[...]
Não mais, canção, não mais; que irei falando,
Sem o sentir, mil anos. E, se acaso
Te culparem de larga e de pesada,
Não pode ser, lhe diz, limitada
A água do mar em pequeno vaso.

(Camões, 1980c, p. 247 e 254);

É finalmente ser-se cauto na senda do filósofo e sociólogo Theodor Adorno (2002) quando adverte que a cultura contemporânea muitas vezes reflete uma falta de crítica e uma aceitação passiva do que é apresentado como atual, levando à homogeneização de diferentes experiências –

Sem vergonha o não digo, que a razão
Dalgum não ser por versos excelente
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe arte não na estima”

(Camões 1980d, p. 181).

Ser atual pode, enfim, ser entendido como a capacidade de se conectar e responder às dinâmicas e transformações do tempo presente.

A atualidade de Camões reside ainda na criação de mitos como o “Velho do Restelo” (Camões, 1980d) ou “Os doze de Inglaterra” (Camões, 1980d), na manifestação de sentimentos como o amor e a saudade, ou mesmo na invenção de adágios e anexins sistematicamente catapultados para atuais registros discursivos que vão do jocoso ao político. O seu já aludido amor pelo homem universal, logrando fazer a síntese entre o global e o local, descobre mais que um poeta, descobre um pensador que, profeticamente, anteviu a sociedade

atual. Por isso, quase desprezado em vida, lido euforicamente pelo regime monárquico, manipulado e aproveitado pelo Estado Novo e pelo PREC – de patriótico e reacionário a poeta de intervenção todos os epítetos lhe couberam – continua hoje, saído, por virtude de novas visões críticas que o retiraram de cegueira mítica, a mostrar o rumo aos portugueses num misto de exaltação e de exame de consciência na interpretação da História, alcançando uma simbologia em que a sociedade se revê.

Sendo de todos os tempos, atravessou séculos enquanto embaixador literário, ombreando-se com o italiano Dante Alighieri, o espanhol Miguel de Cervantes, o inglês William Shakespeare, o alemão Wolfgang Goethe ou o finlandês Elias Lönnrot. Foi imortalizado nas artes plásticas – Bordalo Pinheiro, António Carneiro, José Malhoa, Júlio Pomar ou Francisco Simões⁴ –, na música – Amália Rodrigues, José Mário Branco, José Afonso, Maria Bethânia ou Manuel Sobral Torres –, no cinema – Leitão de Barros, Paulo Rocha, Jorge Cramez, Michael Praveen ou Patrícia Couveiro – e na literatura – Miguel Torga, Vasco Graça Moura, Nuno Júdice, Manuel Alegre ou Gonçalo M. Tavares. Acresce o facto de, em 2024, ano de celebrações da efeméride, no domínio da ensaística, terem sido reeditadas obras de António José Saraiva, Jorge de Sena e Helder Macedo e publicadas outras de monta como *Camões – Vida e Obra*, de Carlos Bobone, *Camões – uma antologia*, de Frederico Lourenço, ou *Fortuna, Caso, Tempo e Sorte. Uma biografia de Camões*, de Isabel Rio Novo, que consubstanciam uma fortuna crítica inigualável.

Concluo como comecei seguindo Régio (1993, p. 13): “O mar entrou por êle dentro e coube. [...] Disso falam os seus versos, com palavras

⁴ O uso do retrato de Camões da autoria de Francisco Simões deve-se, justamente, à sugestão de juventude e atualidade.

eternas como as pirâmides” em toda uma obra atirada “aos homens como um agradecimento e uma acusação [...]. Louvado seja o seu Nome, agora e sempre”, pois sendo soldado a vida toda, partiu e ficou como poeta universal. Ele e a Pátria, de que pressagiu a morte, resistem e atravessam os tempos.

RECEBIDO: 16/05/2025

APROVADO: 27/06/2025

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Kant's critique of pure reason*. Redwood City: Stanford University Press, 2002.

APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Liquid life*. Cambridge: Polity, 2005.

CAMÕES, Luís de. *Autos e Cartas*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Editorial Verbo, 1980a.

CAMÕES, Luís de. *Lírica I*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Editorial Verbo, 1980b.

CAMÕES, Luís de. *Lírica II*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Editorial Verbo, 1980c.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Editorial Verbo, 1980d.

CASTELLS, Manuel. *Communication power*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009.

CRESSWELL, Tim. *Place: a short introduction*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2004.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

IANNONE, Carlos Alberto; GOBBI, Márcia Valéria Zamboni; Junqueira, Renata Soares. (org.). *Sobre as naus da iniciação: estudos portugueses de literatura e história*. São Paulo: UNESP, 1998.

MASSEY, Doreen. *Space, place, and gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. *The medium is the message: an inventory of effects*. Harmondsworth: Penguin, 1967.

MORIN, Edgar. *Pensar global - o homem e o seu universo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2023.

PEREIRA, J. C. Seabra. Camões: Serão dadas na terra leis milhores. In: RITA, Annabela; PONCE DE LEÃO, Isabel; FRANCO, José Eduardo; REAL, Miguel. *História Global da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Temas & Debates, 2024. p. 185-191.

PONCE DE LEÃO, Isabel. “Correm turvas as águas deste rio” (metagoge e preservação da natureza na poética camonianiana). *Revista Fios das Letras - Camões 500 anos depois*, v. 1, n. 3., 2025. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/fiosdeletras/issue/view/252>. Acesso em: 12 ago. 2025.

PRESENÇA: fôlha de arte e crítica. 10 jun. 1928. (capa digitalizada). Disponível em: <https://am.uc.pt/bib-geral/item/64748>. Acesso em: 12 ago. 2025.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (ed.). *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

RÉGIO, José. Camões. *presença Fôlha de Arte e Crítica*, n. 13. Lisboa: Contexto, 1993.

ROBERTSON, Roland. *Globalization social theory and global culture*. London: Sage Publications Ltd, 1992.

SIMÕES, Francisco. [Sem título]. 1 desenho, pastel sobre papel. 2025.

TOYNBEE, Arnold *et al.* (1975). *L’histoire: Les grands mouvements de l’histoire à travers le temps, les civilisations, les religions*. Paris : Elsevier Séquoia, 1975.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

MINICURRÍCULO

ISABEL PONCE DE LEÃO, Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. Licenciada em Filologia Românica pela Universidade de Coimbra, fez o 3.º ciclo de estudos em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela e Doutorou-se em Literaturas Hispânicas pela mesma Universidade (doutoramento reconhecido pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal, com o número 1/98, com publicação no Diário da República nº 188 de 17/08/98). Agregação em 2009. É Formadora certificada na área e domínio Co46 Português / Português, concedido pelo Conselho Científico-Pedagógico de Educação Contínua, de acordo com o registo CCPFC / RFO-02956/97. Membro do Centro de Estudos Globais (CEG – U. Aberta), do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS – U. Minho), do Círculo de Estudos do Centralismo (CEC) e do *INfAST*; vogal do Conselho de Administração da Cooperativa *Árvore* e vice-presidente do Centro de Estudos Regionais. Como docente e investigadora colabora com outras instituições de ensino superior, em Portugal, América Latina, sobretudo Brasil, e vários países Europeus. Faz parte do conselho editorial e / ou científico de várias revistas, jornais e outras publicações e integra comissões científicas de colóquios, congressos e outros eventos, que também promove, bem como júris académicos e de prémios literários aos níveis nacional e internacional. A sua atividade estende-se à comunidade civil cooperando com diversas Câmaras Municipais, particularmente com a do Porto, onde foi deputada municipal e é, à data, Presidente da Comissão de Toponímia. Áreas de investigação: Jornalismo Cultural, Ecocrítica, Estudos Globais, Literatura Moderna e Contemporânea, Diálogos Artes / Ciências e Interartes. É autora de inúmeras publicações, particularmente nas três últimas áreas referenciadas. (cf. <https://www.cienciavita.pt/portal/E314-D183-oB42>).